



Entre púlpito e a página: Ethos discursivo, cenografia e empatia na Poética sacerdotal do Padre Antônio Francisco De Mello

Marcio de Lima Pacheco

RESUMO

Este artigo analisa a construção discursiva do ethos do Padre Antônio Francisco de Mello (1863–1947), sacerdote açoriano radicado em Bom Jesus do Itabapoana (RJ), a partir de uma seleção de seus sonetos e poemas. Integra projeto de pesquisa desenvolvido desde 2022 junto à Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), dedicado ao estudo da produção poética, discursiva e pastoral do referido autor. Fundamentado prioritariamente no referencial teórico de Dominique Maingueneau — especialmente os conceitos de ethos discursivo, cenografia, cena de enunciação, fiador, incorporamento e discurso constituinte —, o estudo dialoga ainda com a fenomenologia da empatia de Edith Stein (Einfühlung), a hermenêutica do cotidiano e os estudos culturais relacionados à religiosidade popular nordestina. A pesquisa é de natureza bibliográfica, qualitativa, interpretativa e descritiva, ancorada na Análise do Discurso de orientação francesa. Os resultados evidenciam que Padre Mello constrói, via linguagem poética, uma imagem de si singular: a do sacerdote-humanista que articula fé, experiência humana, crítica social e pertencimento cultural, constituindo um ethos empático capaz de aproximar o discurso religioso do cotidiano popular. A poesia, nessa perspectiva, opera como ato de enunciação ética e profética, ampliando as fronteiras do discurso pastoral tradicional.

Palavras-chave: Padre Mello; ethos discursivo; cenografia; empatia; discurso religioso.

ABSTRACT

This article analyses the discursive construction of the ethos of Father Antônio Francisco de Mello (1863–1947), an Azorean priest settled in Bom Jesus do Itabapoana (RJ, Brazil), based on a

selection of his sonnets and poems. It is part of a research project developed since 2022 at the Federal University of Rio Grande do Norte (UFRN), dedicated to the study of the poetic, discursive and pastoral production of the aforementioned author. Grounded primarily in the theoretical framework of Dominique Maingueneau — especially the concepts of discursive ethos, scenography, enunciation scene, guarantor, incorporation and constituent discourse —, the study also dialogues with Edith Stein's phenomenology of empathy (Einfühlung), the hermeneutics of everyday life and cultural studies related to popular religious life in northeastern Brazil. The research is bibliographical, qualitative, interpretative and descriptive in nature, anchored in French-oriented Discourse Analysis. The results show that Father Mello constructs, through poetic language, a singular self-image: that of the priest-humanist who articulates faith, human experience, social criticism and cultural belonging, constituting an empathic ethos capable of bringing religious discourse closer to popular everyday life.

Keywords: Father Mello; discursive ethos; scenography; empathy; religious discourse.

INTRODUÇÃO

O presente artigo integra um projeto de pesquisa desenvolvido desde 2022 junto à Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), dedicado ao estudo da produção poética, discursiva e pastoral do Padre Antônio Francisco de Mello (1863–1947), sacerdote açoriano que se radicou em Bom Jesus do Itabapoana (RJ) e tornou-se figura central da vida espiritual, cultural e intelectual daquela região. A relevância acadêmica do estudo é inequívoca: apesar da extensa atuação pastoral e da vigorosa produção poética do Padre Mello, ainda são escassas as investigações que se debruçam com rigor sobre a complexidade estética, histórica e discursiva de sua obra, tornando a presente pesquisa pioneira no campo da Análise do Discurso aplicada à literatura religiosa luso-brasileira.

O problema de pesquisa que orienta este trabalho pode ser assim formulado: como o Padre Mello constrói discursivamente uma imagem de si — seu ethos — por meio da linguagem poética, e quais mecanismos discursivos e fenomenológicos sustentam essa construção identitária? A hipótese norteadora é a de que, nos sonetos e poemas do autor micalense, o ethos discursivo emerge de uma articulação singular entre cenografia sacralizada, voz fiadora autorizada e empatia fenomenológica, configurando um discurso poético que funciona simultaneamente como ato pastoral, crítica social e testemunho cultural.

O objetivo geral é analisar como o Padre Mello constrói discursivamente uma imagem de si por meio de sua produção poética, especialmente em sonetos voltados ao cotidiano do povo,

evidenciando mecanismos de empatia, pertencimento social, espiritualidade e representação das experiências humanas. Os objetivos específicos são: (1) identificar marcas do ethos discursivo presentes nos poemas; (2) analisar as cenografias construídas pelo enunciador; (3) investigar a constituição do fiador discursivo; (4) examinar a presença da empatia sob a perspectiva de Edith Stein; (5) demonstrar como o discurso poético aproxima fé, experiência humana e cotidiano popular; e (6) relacionar a obra do Padre Mello com a tradição cultural nordestina e luso-brasileira.

Para tanto, adota-se uma metodologia de caráter bibliográfico, qualitativo, interpretativo e descritivo, fundamentada na Análise do Discurso de orientação francesa, com ênfase no aparato teórico de Dominique Maingueneau. O corpus é composto por uma seleção de sonetos e poemas do Padre Mello incluídos na obra de Pacheco (2024), criteriosamente escolhidos por sua representatividade temática e pela riqueza das marcas discursivas que apresentam.

O artigo organiza-se da seguinte forma: após esta introdução, apresenta-se a fundamentação teórica (seção 2), seguida da descrição metodológica (seção 3). A seção 4 desenvolve a análise e a discussão dos resultados, estruturada em subtópicos. As considerações finais compõem a seção 5, sucedida pelas referências.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Análise do Discurso e o aparato teórico de Maingueneau

A Análise do Discurso (AD) de orientação francesa constitui o eixo epistemológico central desta pesquisa. Nascida no contexto intelectual francês dos anos 1960, em diálogo com o estruturalismo, a psicanálise lacaniana e o marxismo althusseriano, a AD propôs deslocar o foco analítico da frase isolada para o discurso em sua dimensão histórica, social e ideológica. Como aponta Maingueneau (2015), a AD exige mais que a aplicação de instrumentos linguísticos: seus métodos dependem de um conhecimento científico sobre a linguagem que só as ciências da linguagem podem fornecer.

Dentre os pesquisadores que contribuíram para a consolidação e renovação da AD, Dominique Maingueneau ocupa posição singular. Professor de ciências da linguagem na Universidade Paris-Sorbonne IV, ele elaborou um conjunto de categorias analíticas que permitem investigar a produção de sentido e a construção identitária nos discursos. Para o autor, o interesse específico da análise do discurso é apreender o discurso enquanto articulação entre texto e os lugares sociais (MAINGUENEAU, 2000), sendo o gênero do discurso o dispositivo que opera essa articulação.

Maingueneau (2015) organiza sua concepção de discurso em torno de oito ideias-força: o discurso é uma organização além da frase; é uma forma de ação; é interativo; é contextualizado; é assumido

por um sujeito; é regido por normas; é assumido no bojo de um interdiscurso; e constrói socialmente o sentido. Essas ideias fundamentam a abordagem analítica adotada neste artigo, que não toma os poemas de Padre Mello como textos fechados em si mesmos, mas como práticas discursivas situadas em um espaço de tensão entre o lugar social do enunciador e as instituições que o cercam.

Ethos discursivo: da retórica antiga à Análise do Discurso

O conceito de ethos remonta à Retórica aristotélica, onde figura como uma das três provas técnicas de persuasão — ao lado do pathos e do logos. Na perspectiva do Estagirita, o ethos configura-se como a imagem de si que o orador constrói no e pelo discurso, independentemente de sua identidade prévia. Aristóteles (2005) estabelece que a retórica é útil porque o verdadeiro e o justo são, por natureza, melhores que seus contrários, e que a capacidade de argumentar bem é mais próxima do homem do que o uso da força física.

A tradição retórica romana, de Cícero a Quintiliano, ampliou essa concepção ao vincular o ethos ao estatuto moral e social preexistente do orador. Para Cícero (2005), o orador deve ter invenção, disposição, elocução, memória e pronúncia, articulando esses elementos de modo a conquistar a confiança e a adesão do auditório. No século XX, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) retomam a tradição retórica na chamada Nova Retórica, recolocando o auditório no centro da eficácia discursiva e demonstrando que o ethos emerge da tríade indissociável entre orador, discurso e auditório.

Na perspectiva maingueneauana, o ethos discursivo supera a noção retórica tradicional de imagem moral do orador. Para Maingueneau (2020), estudar o ethos é apoiar-se em um dado simples e coextensivo a todo uso da linguagem: o destinatário constrói uma representação do locutor por meio daquilo que ele diz e de sua maneira de dizê-lo. O autor distingue entre ethos dito — aquilo que o enunciador afirma de si mesmo — e ethos mostrado — a imagem que emerge da própria enunciação, de seu tom, seu estilo, sua corporalidade. O ethos efetivo resulta da interação entre o ethos pré-discursivo (a imagem prévia do enunciador), o ethos mostrado e o ethos dito (MAINGUENEAU, 2008b).

Fundamental para a eficácia do ethos é o processo de incorporação, pelo qual o destinatário do discurso se apropria do ethos por meio de um fiador — uma espécie de corpo ilusório do enunciador. Conforme Maingueneau (2008c), a enunciação do texto confere uma corporalidade ao fiador, dá-lhe um corpo; o coenunciador incorpora, assimila um conjunto de esquemas que correspondem à maneira específica de relacionar-se com o mundo, habitando seu próprio corpo.

Esse processo permite a constituição de um corpo da comunidade imaginário dos que aderem a um mesmo discurso.

Cena de enunciação, cenografia e discurso constituinte

Outro conceito central no aparato teórico de Maingueneau é a cena de enunciação. Para o autor, o discurso pressupõe certo quadro, definido pelas restrições do gênero, mas deve também gerir esse quadro pela encenação de sua enunciação (MAINGUENEAU, 2015). A cena de enunciação articula três instâncias: a cena englobante — que corresponde ao tipo de discurso (literário, religioso, jurídico, etc.) e confere ao texto seu estatuto pragmático —; a cena genérica — associada às normas do gênero ou subgênero, como a poesia, o sermão, o editorial —; e a cenografia — que não é imposta pelo gênero, mas construída pelo próprio texto.

A cenografia ocupa papel de destaque na teoria maingueneauana porque é por meio dela que o enunciador organiza a situação a partir da qual pretende enunciar (MAINGUENEAU, 2015). Ela não é um simples cenário estático, mas o produto de um processo de enlaçamento paradoxal: a cenografia é ao mesmo tempo a fonte do discurso e aquilo que ele engendra (MAINGUENEAU, 2004). Assim, a legitimidade do discurso e a legitimação da cenografia são mutuamente dependentes.

Maingueneau (2002) também desenvolve o conceito de discurso constituinte para designar os discursos que se pretendem fontes de sentido para outros discursos — como o discurso religioso, o filosófico e o literário. O discurso literário, nessa perspectiva, ocupa uma posição paratópica: pertence à sociedade, mas não se fecha em nenhum território; alimenta-se de grupos e comportamentos que são tomados num pertencimento impossível. Essa condição paratópica é central para compreender a posição enunciativa do Padre Mello: um sacerdote açoriano que escreve poesia erudita no sertão fluminense, filiando-se simultaneamente à tradição letrada europeia e ao contexto popular brasileiro.

Empatia e fenomenologia da pessoa: Edith Stein

O diálogo com a fenomenologia de Edith Stein enriquece a análise ao fornecer uma base filosófica para a compreensão dos efeitos empáticos da poesia do Padre Mello. Para Stein (2004), a empatia (*Einfühlung*) é a experiência da consciência alheia, pela qual o eu apreende a vivência de outro sujeito — seu estado de ânimo, sua alegria ou sua dor —, sem que essa apreensão constitua uma

percepção originária de si mesmo. A empatia é um ato concreto e originário mediante o qual podemos apreender uma vivência alheia (STEIN, 2004).

Stein (2004) distingue três graus de atuação da empatia: a aparição da vivência, quando o estado do outro emerge subitamente na consciência; a explicação preenchedora de sentido, na qual o sujeito mergulha na vivência do outro; e a objetificação da vivência explicitada, em que a experiência do outro se converte em objeto de compreensão. Essa estrutura gradativa é decisiva para a análise dos poemas de Padre Mello, cuja linguagem opera precisamente esses três movimentos: apresenta o sofrimento ou a alegria do outro, conduz o leitor a mergulhar nessa vivência e, finalmente, convida à reflexão sobre sua significação.

Como afirma Savian Filho (2014), esses graus não ocorrem necessariamente em sequência, uma vez que se pode parar em apenas um deles. A empatia, longe de ser uma mera percepção passiva, constitui uma vivência inteiramente nova e integradora. Ela permite ao ser humano experimentar o outro como personalidade e corpo vivenciado (Leib), sem que se perca a própria individualidade. Essa perspectiva steiniana sobre a alteridade ecoa com precisão nos sonetos do Padre Mello, cuja poética se manifesta como um espaço de profundo acolhimento empático.

Esta pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, qualitativa, interpretativa e descritiva, fundamentada na Análise do Discurso de linha francesa. A opção pela perspectiva qualitativa justifica-se pela natureza do objeto analisado — textos poéticos que demandam interpretação contextualizada e sensível às dimensões histórica, social e enunciativa do discurso —, ao passo que o caráter descritivo emerge da necessidade de mapear e caracterizar as marcas discursivas presentes no corpus.

O corpus analisado é composto por uma seleção de sonetos e poemas do Padre Antônio Francisco de Mello, extraídos da obra de Pacheco (2024), que reúne composições produzidas entre 1883 e 1921. Os critérios de seleção dos poemas foram: (a) representatividade temática, priorizando composições que abordem o cotidiano popular, a experiência espiritual e a crítica social; (b) riqueza das marcas discursivas, com presença explícita de estratégias de construção do ethos, cenografias específicas e mecanismos empáticos; e (c) relevância no corpus biográfico e crítico, levando em conta textos identificados pelos estudiosos da obra do Padre Mello como centrais para a compreensão de sua produção. Foram selecionados para análise aprofundada os seguintes textos: *Morrer Sonhando*, *A Fé de Judas*, *Ao Itabira* e *Ao Adamastor*.

Os procedimentos analíticos organizam-se em etapas: (1) leitura integral e contextualização histórica e biográfica de cada poema; (2) identificação das cenas de enunciação (cena englobante, cena genérica e cenografia); (3) mapeamento das marcas do ethos discursivo (ethos mostrado, ethos

dito e ethos pré-discursivo); (4) investigação da figura do fiador discursivo e dos processos de incorporação; (5) exame dos mecanismos de empatia à luz da fenomenologia steiniana; e (6) discussão das relações interdiscursivas com a tradição literária clássica, portuguesa e popular.

As categorias de análise são: ethos discursivo (MAINGUENEAU, 2020); cenografia (MAINGUENEAU, 2004, 2015); cena de enunciação (MAINGUENEAU, 2015); fiador e incorporamento (MAINGUENEAU, 2008c); discurso constituinte e paratopia (MAINGUENEAU, 2002); empatia e vivência (STEIN, 2004); e interdiscursividade (MAINGUENEAU, 2008a). A interpretação é conduzida de forma articulada entre essas categorias, sem reducionismos, reconhecendo a natureza complexa e multidimensional do discurso poético.

2 PADRE MELLO E SUA INSERÇÃO NA CULTURA NORDESTINA E LUSO-BRASILEIRA

Nascido em 27 de abril de 1863 na Ilha de São Miguel, Açores, Antônio Francisco de Mello foi ordenado sacerdote em 1888 na Capela do Paço Episcopal de Angra. Após exercer a Capelania da Ribeira Chã entre 1889 e 1895, partiu para o Brasil, onde se fixou definitivamente em Bom Jesus do Itabapoana (RJ) em 1899. Conforme registra Pacheco (2024), o Padre Mello transformou o sertão fluminense em sua nova ágora, transmutando a dor do desapego insular em fundação civilizatória.

Sua inserção na cultura local não se deu apenas pelo ministério sacerdotal, mas pela palavra poética, que operou como instrumento de mediação entre a tradição erudita europeia — com raízes em Homero, Ovídio, Camões e Victor Hugo — e o cotidiano do povo brasileiro. Nesse sentido, sua obra constitui o que Maingueneau (2002) designaria como discurso constituinte: um discurso que se pretende fonte de sentido, que não pode fechar-se em si mesmo, mas também não pode confundir-se com a sociedade comum. A poesia do Padre Mello habita esse espaço de tensão entre o lugar social do clérigo letrado e o não-lugar do poeta que fala ao povo.

Estudiosos como Delton de Mattos, Gino M. Borges Bastos e Lucília Stanzani têm contribuído para o reconhecimento da obra do Padre Mello em âmbito regional, evidenciando seu papel como polo de irradiação cultural e religiosa no interior fluminense. A pesquisa de Pacheco (2024), ao propor uma leitura filo-sócio-linguística da obra poética do sacerdote açoriano, inaugura um novo horizonte epistemológico: o da Análise do Discurso aplicada a essa produção singular, revelando dimensões até então inexploradas.

A poesia como espaço de enunciação: cenas e cenografias

A poesia do Padre Mello opera em um espaço de enunciação tripartido, tal como descrito por Maingueneau (2014): a cena englobante posiciona seus textos no campo do discurso literário-religioso; a cena genérica é a do soneto e da poesia clássica, com suas convenções métricas e formais; e a cenografia — instância mais dinâmica e criativa — é construída por cada poema de modo específico, instaurando ambiências enunciativas particulares.

Em *Morrer Sonhando*, a cenografia é a de uma meditação escatológica intimista. O eu lírico fala desde um lugar de consciência plena da própria finitude, construindo um espaço enunciativo que o filósofo reconhece na tradição platônica e cristã: a morte como libertação da alma. A cenografia, aqui, legitima o enunciador precisamente por sua verossimilhança com a postura do sacerdote-sábio que enfrenta a morte sem temor:

Morrer sonhando! Como é doce a morte! / Que vale a sorte que esta vida tem?! / A vida é sempre uma fugaz mentira, / a morte aspira a realidade além. (PADRE MELLO apud PACHECO, 2024)

Conforme aponta Maingueneau (2015), a cenografia não é simplesmente um quadro, um cenário; é a enunciação que, ao se desenvolver, esforça-se para constituir progressivamente o seu próprio dispositivo de fala. Nesse soneto, o dispositivo é o da confissão mística: o sacerdote não prega ao povo sobre a morte, mas vive existencialmente o paradoxo cristão de morrer para viver. A cenografia valida o discurso e o discurso valida a cenografia.

Em *A Fé de Judas*, a cenografia é radicalmente diferente: trata-se de um tribunal interior, um espaço psíquico claustrofóbico onde o eu lírico dialoga com a alma de um criminoso. O cenário não é físico, mas mental — a vastidão da conturbada mente, como descreve o poema. Essa interiorização da cenografia é um recurso de alta sofisticação: ao dissolver o espaço geográfico e instaurar o espaço da consciência, o Padre Mello desloca o leitor para o interior do drama humano, obrigando-o a habitar a experiência do personagem.

Já em *Ao Itabira*, a cenografia é a da contemplação sublime: o eu lírico situa-se diante de uma formação rochosa monumental e a transforma em objeto de meditação teológica. A paisagem natural capixaba converte-se em signo transcendente, e o enunciador emerge como o intérprete autorizado de suas significações. Em *Ao Adamastor*, a cenografia assume dimensão épica: o poema instaura um espaço de celebração da herança lusófona, com tons panegíricos e proféticos que evocam a tradição camoniana.

Ethos discursivo e construção da imagem do poeta-sacerdote

A análise do ethos discursivo nos poemas do Padre Mello revela uma construção identitária complexa e multifacetada. O ethos pré-discursivo — a imagem prévia do enunciador — é o do sacerdote católico açoriano, dotado de autoridade pastoral e formação humanista. Esse ethos pré-discursivo serve de ponto de partida, mas é significativamente reconfigurado ao longo da enunciação poética.

No ethos mostrado — aquele que emerge da própria enunciação, de seu tom, seu estilo e sua corporalidade —, o Padre Mello se apresenta como um poeta-filósofo que funde espiritualidade e sensibilidade estética. Como observa Maingueneau (2008b), o destinatário constrói uma representação do locutor por meio daquilo que ele diz e de sua maneira de dizê-lo. O tom dos sonetos do sacerdote micaelense é ao mesmo tempo elevado e acessível: ele emprega metros clássicos e referências eruditas, mas sempre a serviço de temas universais — a morte, o remorso, a fé, a natureza — que interpelam diretamente a experiência do leitor comum.

Em *Morrer Sonhando*, o ethos mostrado é o do sábio que contempla a morte sem angústia, mas com uma serenidade que só a fé pode conferir. Os versos "*Beijo-te a mão que me assassina e creio / que ela veio me libertar ao fim*" revelam um enunciador que age performaticamente: ao beijar a mão que o mata, o sacerdote não apenas descreve uma atitude — ele a encena, tornando-a modelo de conduta espiritual. Esse caráter performático da linguagem é, para Maingueneau (2004), central na constituição do ethos discursivo.

No ethos dito — o que o enunciador afirma explicitamente de si mesmo —, o Padre Mello raramente recorre à autopromoção direta. Ao contrário, seu ethos dito emerge de escolhas temáticas e de posicionamentos enunciativos: ao tratar com compaixão a figura de Judas, ao contemplar com humildade o Pico do Itabira, ao celebrar com entusiasmo a herança lusófona, o sacerdote-poeta constrói implicitamente a imagem de si como um humanista compassivo, um intelectual enraizado, um pastor que conhece as profundezas da alma humana.

Ruth Amossy (2016) aponta que o enunciador deve se conferir, e conferir a seu destinatário, certo status para legitimar o seu dizer. No caso do Padre Mello, esse status é conferido não apenas pela posição eclesiástica, mas pela própria excelência poética: a maestria formal dos sonetos, a profundidade das referências intertextuais e a autenticidade da expressão espiritual constroem uma autoridade que transcende a hierarquia institucional.

O fiador discursivo e a legitimação da palavra poética

A figura do fiador ocupa posição central na teoria maingueneauana do ethos. Para Maingueneau (2008c), a enunciação do texto confere uma corporalidade ao fiador, ele lhe dá um corpo; o coenunciador incorpora, assimila um conjunto de esquemas que correspondem à maneira específica de relacionar-se com o mundo. O fiador do discurso poético do Padre Mello é uma figura complexa, que reúne em si múltiplos papéis: o sacerdote, o exilado, o poeta, o educador, o humanista.

Esse fiador se constitui pela voz que atravessa os poemas — uma voz ao mesmo tempo grave e compassiva, erudita e popular, distante (pela formação clássica) e próxima (pela experiência pastoral compartilhada). Em *A Fé de Judas*, o fiador emerge como um confessor póstumo que dialoga diretamente com a alma do criminoso na segunda pessoa do singular: Tu não foste... — uma interpelação que, ao modo da apóstrofe clássica, traz o ausente para a presença da enunciação. Essa operação de dêixis de pessoa é, conforme o próprio Pacheco (2024) observa, o motor que dinamiza a cena enunciativa do soneto.

Em *Ao Itabira*, o fiador assume o papel de intérprete sagrado que decodifica os hieróglifos da criação para os homens. A voz lírica projeta-se como um viajante-filósofo que, diante da monumentalidade do pico rochoso, não se limita à descrição pictórica, mas passa a interrogar e a revelar seu significado transcendente. Esse fiador de letrado e de crente articula, em sua corporalidade discursiva, o saber científico e a fé teológica, recusando a oposição simplista entre razão e espiritualidade.

A legitimação da palavra poética opera, portanto, em dois níveis simultâneos: o institucional — pela autoridade do sacerdote católico — e o discursivo — pela construção de um ethos credível, compassivo e esteticamente consistente. Maingueneau (2004) afirma que toda fala procede de um enunciador encarnado; mesmo quando escrito, o texto é sustentado por uma voz — a de um sujeito para além do texto. No caso do Padre Mello, esse sujeito para além do texto é um homem que viveu o que escreveu: o exílio, a fé, a empatia, a dor e a esperança.

Empatia e experiência humana: a perspectiva de Edith Stein

A leitura da poética do Padre Mello à luz da fenomenologia steiniana da empatia permite revelar uma dimensão que a Análise do Discurso, por si só, não alcança plenamente: a dimensão da vivência compartilhada, do encontro entre consciências que a linguagem poética pode propiciar. Para Edith Stein (2004), a empatia é a experiência que o eu em geral tem de outro eu em geral — não uma fusão, mas um reconhecimento mútuo que preserva a alteridade dos sujeitos.

Nos sonetos do Padre Mello, os três graus de empatia descritos por Stein se manifestam de modo articulado. O primeiro grau — a aparição da vivência — é imediato em *Morrer Sonhando*: a imagem de uma planta ferida no mimoso pé irrompe na consciência do leitor com força sensorial e afetiva, instaurando a presença da dor e da fragilidade. O segundo grau — a explicação preenchedora de sentido — ocorre ao longo da progressão do poema, quando o leitor é conduzido ao interior da meditação escatológica do enunciador, mergulhando na vivência da fé como superação do medo da morte. O terceiro grau — a objetificação — se completa na estrofe final, onde a morte é proclamada como vitória: o leitor compreende, desde dentro da vivência, o que significa morrer sonhando.

Em *A Fé de Judas*, a empatia opera de modo ainda mais complexo: o Padre Mello convida o leitor a habitar a consciência de um criminoso e a compreender, desde dentro, o drama teológico que o conduziu ao suicídio. A perspectiva fenomenológica de Stein (2004) ilumina esse movimento: a vivência dos outros como se fosse a minha não implica perder-me no outro, mas ampliar minha compreensão do humano. O sacerdote-poeta não julga Judas; ele compreende Judas — e ao fazê-lo, exerce uma das funções mais altas da literatura religiosa.

Essa perspectiva steiniana sobre a alteridade e o sentir comum, como aponta Alfieri (2014), permite compreender que há um acréscimo ao nosso fluxo de vivências quando nos relacionamos com outras pessoas. Os poemas do Padre Mello funcionam como mediadores desse acréscimo: ao ler seus versos, o leitor não apenas adquire informações, mas amplia sua experiência do humano, tornando-se, pela empatia, mais capaz de compreender o outro.

O DISCURSO RELIGIOSO E A VOZ DO POVO: INTERDISCURSIVIDADE E PERTENCIMENTO

A poética do Padre Mello inscreve-se num espaço interdiscursivo rico e complexo. Como afirma Maingueneau (2008a), o discurso não é algo pronto e acabado, mas a junção de diferentes significados de enunciados já ditos, que se vinculam discursivamente sob uma perspectiva normatizada pelo campo discursivo em que estão inseridos. Nos sonetos do sacerdote micaelense, coexistem vozes da tradição clássica greco-latina (Homero, Ovídio, Virgílio, Cícero), da poesia portuguesa (Camões), do romantismo francês (Victor Hugo, Lamartine) e da espiritualidade cristã (Santo Agostinho, São João da Cruz, Padre Antônio Vieira).

Essa densidade intertextual não é mero exibicionismo erudito: ela serve à construção de um discurso autorizado, no sentido de Maingueneau (2002), isto é, um discurso cuja legitimidade advém da filiação a uma memória cultural e espiritual compartilhada. Ao invocar Camões em *Ao*

Adamastor, o Padre Mello não apenas homenageia um clássico: ele inscreve seu próprio discurso na longa tradição da épica lusófona, reivindicando para si e para seu leitor brasileiro uma herança cultural que confere sentido e dignidade à existência.

Ao mesmo tempo, o discurso do Padre Mello volta-se com insistência para o cotidiano popular: a morte prematura, o crime e o remorso, a natureza como espelho da transcendência, a fé como resposta ao sofrimento. Esses temas ressoam profundamente na experiência do povo simples do interior fluminense, constituindo o que a literatura da religiosidade popular identifica como hermenêutica do cotidiano: a leitura do ordinário à luz do sagrado. Nessa dimensão, o poeta-sacerdote exerce sua função pastoral mais profunda — não nos sermões dogmáticos, mas nos versos que tocam a alma do povo.

Sonetos e poesia como prática de humanização

A análise do conjunto dos poemas selecionados permite afirmar que a produção poética do Padre Mello constitui, em seu conjunto, uma prática de humanização: ela produz no leitor uma ampliação da experiência do humano, pelo encontro empático com o outro, pela compreensão compassiva do sofrimento e pela celebração da beleza como caminho para o transcendente.

Em *Ao Itabira*, essa prática manifesta-se pela transformação da paisagem natural em lição de teologia: o granito do pico capixaba, símbolo máximo da dureza e da opacidade material, converte-se paradoxalmente em espelho da delicadeza e da ordem da Divina Providência. A montanha é, portanto, transfigurada de objeto geológico a altar de contemplação mística, e o leitor é convidado a fazer o mesmo movimento: ver, na crueza do mundo, a presença amorosa de Deus.

Em *A Fé de Judas*, a humanização opera pela recusa da condenação fácil e pela abertura à complexidade da alma humana. O Padre Mello demonstra que, mesmo no maior traidor da história cristã, havia um raio de crença e uma consciência da própria falta. Ao calar a voz do amor divino, Judas não foi condenado pelo crime — foi condenado pelo desespero. Essa distinção teológica fina — entre o remorso que pode gerar contrição e o desespero que fecha a porta da misericórdia — constitui uma lição de profunda humanidade, que o discurso poético veicula com muito mais eficácia do que qualquer tratado dogmático.

Como afirma Maingueneau (2004), um texto não é um conjunto de signos inertes, mas o rastro deixado por um discurso em que a fala é encenada. O rastro deixado pela poesia do Padre Mello é o de uma voz que humaniza — que vê o humano onde outros veem apenas o pecador, que vê o

sagrado onde outros veem apenas a pedra, que vê a esperança onde outros veem apenas a morte. Essa é a contribuição mais duradoura e mais bela de sua produção poética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo propôs-se a analisar como o Padre Antônio Francisco de Mello constrói discursivamente uma imagem de si — seu ethos — por meio da linguagem poética, evidenciando os mecanismos que sustentam essa construção e sua relação com os conceitos de cenografia, fiador, empatia e discurso constituinte. A análise de quatro poemas representativos — *Morrer Sonhando*, *A Fé de Judas*, *Ao Itabira* e *Ao Adamastor* — permitiu confirmar a hipótese de que o ethos discursivo do sacerdote-poeta emerge de uma articulação singular entre cenografia sacralizada, voz fiadora autorizada e empatia fenomenológica.

Os resultados evidenciam que o Padre Mello constrói, via linguagem poética, uma imagem de si que transcende a do simples clérigo: é a do humanista compassivo que articula fé, experiência humana, crítica social e pertencimento cultural. Seu ethos discursivo é, ao mesmo tempo, o do poeta erudito — que dialoga com Camões, Ovídio, Hugo e Stein — e o do pastor empático — que vê o divino no cotidiano e o humano no pecador. Essa dupla dimensão confere à sua poesia uma eficácia discursiva singular, capaz de aproximar o discurso religioso do horizonte de experiência do leitor popular.

As contribuições teóricas deste artigo situam-se em três planos. No plano da Análise do Discurso, demonstra-se a pertinência e a fecundidade das categorias maingueneauanas para a análise da literatura religiosa brasileira, campo ainda pouco explorado pela área. No plano dos estudos de literatura religiosa e poesia popular, abre-se um novo horizonte de pesquisa sobre a obra do Padre Mello, evidenciando sua relevância para a compreensão da identidade cultural e religiosa do interior fluminense e do Brasil profundo. No plano da filosofia e da fenomenologia, o diálogo com Edith Stein demonstra que a teoria da empatia constitui um instrumento poderoso para a análise dos efeitos de sentido produzidos pela linguagem poética.

As limitações do presente artigo apontam para possibilidades de pesquisas futuras. A seleção de quatro poemas, embora representativa, não esgota a riqueza e a diversidade da produção poética do Padre Mello. Estudos futuros poderiam ampliar o corpus analítico, incorporando a produção dos anos 1922–1947, e aprofundar o diálogo com os estudos culturais sobre o sertão e a religiosidade popular nordestina. Seria igualmente fecunda uma análise comparativa entre o ethos discursivo do Padre Mello e o de outros poetas-sacerdotes da tradição luso-brasileira, bem como uma investigação mais detida sobre a recepção de seus poemas nas comunidades onde atuou.

Reafirma-se, por fim, a relevância acadêmica e cultural deste projeto de pesquisa: trazer à luz a obra de um autor injustamente esquecido — que Delton de Mattos qualificou de gênio da civilização e da cultura — é contribuir para a construção de uma memória literária e discursiva mais justa e abrangente do Brasil profundo. A poesia do Padre Mello continua a ressoar, e esta análise pretende ser mais um passo no seu merecido reconhecimento.

REFERÊNCIAS

- ALFIERI, F. A empatia em Edith Stein. In: SAVIAN FILHO, J. (Org.). Edith Stein: ser finito e ser eterno. São Paulo: Paulus, 2014.
- AMOSSY, Ruth. A argumentação no discurso. São Paulo: Contexto, 2016.
- ARISTÓTELES. Retórica. Prefácio e introdução de Manuel Alexandre Júnior. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.
- CAMÕES, Luís Vaz de. Os Lusíadas. Edição crítica de Segismundo Spina. São Paulo: Cultrix, 1972.
- CÍCERO. Retórica a Herênio. Tradução e introdução de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.
- COHEN, J. et al. Pesquisas de retórica. Petrópolis: Vozes, 1975.
- LAUSBERG, Heinrich. Elementos de retórica literária. 4. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1993.
- MAINGUENEAU, Dominique. Análise de textos de comunicação. São Paulo: Cortez, 2000.
- MAINGUENEAU, Dominique. Linguistique et littérature: le tournant discursif. In: VOX POETICA, 05 jun. 2002. Disponível em: <http://www.vox-poetica.org/t/maingueneau.html>. Acesso em: 26 jul. 2025.
- MAINGUENEAU, Dominique. Discurso literário. São Paulo: Contexto, 2004.
- MAINGUENEAU, Dominique. Gênese dos discursos. São Paulo: Parábola, 2008a.
- MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Org.). Ethos discursivo. São Paulo: Contexto, 2008b. p. 11-29.
- MAINGUENEAU, Dominique. Cenas da enunciação. São Paulo: Parábola, 2008c.
- MAINGUENEAU, Dominique. Discurso e análise do discurso. São Paulo: Parábola, 2015.
- MAINGUENEAU, Dominique. Retorno crítico sobre o ethos. In: BARONAS, R. L. et al. (Org.). Ethos na análise do discurso: figuras e configurações. São Carlos: Pedro & João, 2020.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- OVÍDIO. Metamorfoses. Tradução de Carlos Ascenso André. Lisboa: Vega, 2000.

PACHECO, Marcio de Lima. Poesias e Reflexões de um Cotidiano: uma leitura filo-sócio-linguística sobre fatos reais em forma de poesia pelo Padre Antônio Francisco Mello. [S.l.: s.n.], 2024.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. Tratado da argumentação: a nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SAVIAN FILHO, Juvenal. A empatia em Edith Stein: de onde ela parte e para onde ela vai. In: SAVIAN FILHO, J. (Org.). Edith Stein: ser finito e ser eterno. São Paulo: Paulus, 2014. p. 25-54.

STEIN, Edith. Sobre el problema de la empatía. Traducción de Constantino Ruiz-Garrido. Madrid: Trotta, 2004.

TOMAZI, M. M.; CUNHA, M. J. A projeção de imagens de si em textos argumentativos: uma perspectiva discursiva. Linguagem em (Dis)curso, v. 16, n. 1, p. 143-162, 2016.

VIEIRA, Antônio. Sermões. São Paulo: Loyola, 2000.

Autor

Marcio de Lima Pacheco

Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestre em Filosofia/Metafísica pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Bacharel em Teologia pela Faculdade Católica Dehoniana. Licenciado em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil.

Email: márcio.pacheco@ufrn.br

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3757823723460546>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3902-2680>